

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

JULHO DE 1862

Nº 7

O Ponto de Vista

Não há quem não tenha notado quanto as coisas mudam de aspecto, conforme o ponto de vista sob o qual são consideradas. Não é apenas o aspecto que se modifica, mas, também, a própria importância da coisa. Coloquemo-nos no centro de um meio qualquer: ainda que pequeno, nos parecerá imenso; do lado de fora, contudo, será outra coisa. Quem vê algo do cimo de uma montanha o acha insignificante, ao passo que lhe parecerá gigantesco quando visto de baixo.

Isto é um efeito de óptica, mas que se aplica igualmente às coisas morais. Um dia inteiro de sofrimento nos parecerá eterno. À medida que esse dia se nos afasta, admiramo-nos de haver entrado em desespero por tão pouco. Os pesares da infância também têm uma importância relativa, sendo tão amargos para a criança quanto para os que alcançaram a maturidade. Por que, então, nos parecem tão fúteis? Por que não mais os sentimos, ao passo que a criança os sente completamente e nada vê além de seu pequeno círculo de atividades? Ela os vê do interior; nós, do exterior. Suponhamos um ser colocado, em relação a nós, na posição em que estamos em relação à criança: ele julgará as nossas preocupações do mesmo ponto de vista, e as achará pueris.

Um carroceiro é insultado por outro; discutem e se batem. Se um grão-senhor for injuriado por um carroceiro não se sentirá ofendido e não se baterá com ele. Por quê? Porque se coloca fora de sua esfera; julga-se de tal modo superior que a ofensa não o pode atingir. Entretanto, se descer ao nível do adversário, colocar-se-á, pelo pensamento, no mesmo meio e se baterá.

O Espiritismo nos mostra uma aplicação deste princípio, mas de importância diversa nas suas conseqüências. Faz-nos ver a vida terrena como de fato é, colocando-nos no ponto de vista da vida futura; pelas provas materiais que nos fornece, pela intuição clara, precisa, lógica que nos dá, pelos exemplos postos aos nossos olhos, transporta-nos pelo pensamento: nós a vemos e a compreendemos; não é mais essa noção vaga, incerta, problemática, que nos ensinavam do futuro e que, involuntariamente, deixava dúvidas; para o espírita é uma certeza adquirida, uma realidade.

Faz ainda mais: mostra-nos a vida da alma, o ser essencial, porque é o ser pensante, remontando no passado a uma época desconhecida e se estendendo indefinidamente pelo futuro, de tal sorte que a vida terrena, mesmo de um século, não passa de um ponto nesse longo percurso. Se a vida inteira é tão pouca coisa comparada com a vida da alma, que serão, pois, as dificuldades da vida? Entretanto o homem, colocado no centro da vida, preocupa-se como se ela fosse durar sempre; para ele tudo assume proporções colossais: a menor pedra que o fere parece-lhe um rochedo; uma decepção o desespera; um revés o abate; uma palavra o enfurece. Tendo a visão limitada ao presente, àquilo que toca imediatamente, exagera a importância dos menores incidentes; um negócio que falha lhe tira o apetite; uma questão de precedência é um negócio de Estado; uma injustiça o põe fora de si. Triunfar é o fim de seus esforços, o objetivo de todas as suas combinações; mas, para a maioria, o que é triunfar? Será, se não se tem do que viver, criar por meios honestos uma existência tranqüila? Será a nobre

emulação de adquirir talento e desenvolver a inteligência? Será o desejo de deixar, depois de si, um nome justamente honrado e realizar trabalhos úteis para a Humanidade? Não. Triunfar é suplantar o vizinho, eclipsá-lo, afastá-lo, derrubá-lo mesmo, para lhe tomar o lugar. E para tão belo triunfo, que talvez a morte não deixe gozar vinte e quatro horas, quantas preocupações, quantas tribulações! Quanto talento por vezes despendido e que poderia ter sido mais bem empregado! Depois, quanta raiva, quanta insônia se não se triunfar! Que febre de inveja causa o sucesso de um rival! Então, culpam a má estrela, a sorte, a chance fatal, ao passo que a má estrela as mais das vezes é a inabilidade e a incapacidade. Dir-se-ia, na verdade, que o homem assume a tarefa de tornar tão penosos quanto possíveis os poucos instantes que deve passar na Terra e dos quais não é o senhor, pois jamais tem certeza do dia seguinte.

Como tudo isto muda de aspecto quando, pelo pensamento, sai o homem do vale estreito da vida terrestre e se eleva na radiosa, esplêndida e incomensurável vida de além-túmulo! Como então tem piedade dos tormentos que se criou voluntariamente! Como então lhe parecem mesquinhas e pueris as ambições, a inveja, as susceptibilidades, as vãs satisfações do orgulho! É como se, na idade madura, considerasse as brincadeiras da infância; do cume de uma montanha contemplasse os homens no vale. Partindo deste ponto de vista, tornar-se-á de vontade própria o joguete de uma ilusão? Não. Estará, ao contrário, na realidade, no verdadeiro e para ele a ilusão é ver as coisas do ponto de vista terreno. Efetivamente, ninguém há na Terra que não ligue mais importância àquilo que, para si, deve durar muito mais do que dura um dia; que não prefira uma felicidade durável a uma felicidade efêmera. Inquietamo-nos pouco com uma contrariedade passageira; o que interessa, acima de tudo, é a situação normal. Se, pois, elevarmos o pensamento de modo a abranger a vida da alma chegaremos forçosamente a essa consequência: ver a vida terrena como uma estação passageira; a vida espiritual como a vida real, porque é infinita; que é ilusão tomar a parte pelo todo, isto é, a vida

do corpo, apenas transitória, pela vida definitiva. O homem que só considera as coisas do ponto de vista terreno é como aquele que, estando dentro de uma casa, não pode julgar a forma nem a importância do edifício: julga sob falsas aparências porque não vê tudo, ao passo que aquele que vê de fora, porque julga o conjunto, julga mais sensatamente.

Dir-se-á que para ver as coisas desta maneira é preciso uma inteligência invulgar, um espírito filosófico que não se poderia encontrar nas massas; donde forçoso seria concluir que a Humanidade, com poucas exceções, arrastar-se-á sempre no terra-a-terra. É um erro. Para se identificar com a vida futura não é preciso uma inteligência excepcional, nem grandes esforços da imaginação, porquanto cada um traz consigo a intuição e o desejo; a maneira, porém, como geralmente a apresentam é muito pouco sedutora, porque oferece como alternativa as chamas eternas ou a contemplação perpétua, o que leva muitos a preferir o nada. Daí a incredulidade absoluta de uns e a dúvida no maior número. O que faltou até agora foi a prova irrecusável da vida futura, prova que vem dar o Espiritismo não mais por uma vaga teoria, mas por provas patentes. Mais ainda: ele a mostra tal qual a razão mais severa a pode aceitar, porque tudo explica, tudo justifica e resolve todas as dificuldades. Porque é claro e lógico, está ao alcance de todos; por isso o Espiritismo reconduz à crença tanta gente que dela se havia afastado. A experiência demonstra todos os dias que simples operários e camponeses sem instrução compreendem sem esforço esse raciocínio; colocam-se tanto mais à vontade nesse novo ponto de vista, quanto mais nele acham, como todas as pessoas infelizes, uma imensa consolação, e a única compensação possível em sua penosa e laboriosa existência.

Se essa maneira de encarar as coisas terrestres se generalizasse, não teria como consequência senão destruir a ambição, estimulante dos grandes empreendimentos, dos trabalhos mais úteis, mesmo das obras de gênio? Se a Humanidade inteira

apenas pensasse na vida futura tudo não periclitaria neste mundo? Que fazem os monges nos conventos, a não ser ocupar-se exclusivamente do Céu? Ora, em que se transformaria a Terra se todos se fizessem monges?

Um tal estado de coisas seria desastroso e os inconvenientes maiores do que se supõe, porque, com isso, os homens perderiam na Terra e nada ganhariam no Céu; mas o resultado do princípio que expomos é completamente outro para quem quer que não o compreenda pela metade, conforme vamos explicar.

A vida corporal é necessária ao Espírito, ou à alma, o que é a mesma coisa, para que possa realizar neste mundo material as funções que lhe são designadas pela Providência: é uma das engrenagens da harmonia universal. A atividade que, mau grado seu, é forçado a desenvolver nas funções que exerce, crendo agir por si mesmo, auxilia o desenvolvimento de sua inteligência e lhe facilita o adiantamento. Sendo a felicidade do Espírito na vida espiritual proporcional ao seu progresso e ao bem que pôde fazer como homem, resulta que, quanto maior importância adquire a vida espiritual aos olhos do homem, mais ele sente a necessidade de fazer o que é necessário para se garantir o melhor lugar possível. A experiência dos que viveram vem provar que uma vida terrena inútil ou mal-empregada não tem proveito para o futuro, e que aqueles que aqui só buscarem satisfações materiais as pagam muito caro, seja por sofrimentos no mundo dos Espíritos, seja pela obrigação de recomeçar a tarefa em condições mais penosas que as do passado; tal é o caso dos que sofrem na Terra. Assim, considerando as coisas deste mundo do ponto de vista extracorpóreo, o homem, longe de ser estimulado à despreocupação e à ociosidade, compreende melhor a necessidade do trabalho. Partindo do ponto de vista terreno, essa necessidade é uma injustiça aos seus olhos, quando se compara aos que podem viver sem nada fazer: tem ciúme deles; inveja-os. Partindo do ponto de

vista espiritual, essa necessidade tem a sua razão de ser, sua utilidade, e ele a aceita sem murmurar, pois compreende que sem o trabalho ficará indefinidamente na inferioridade e privado da felicidade suprema a que aspira e que não poderá alcançar, caso não se desenvolva intelectual e moralmente. A esse respeito parece que muitos monges compreendem mal o objetivo da vida terrena e, menos ainda, as condições da vida futura. Pelo enclausuramento, eles se privam dos meios de se tornarem úteis aos semelhantes e muitos dos que hoje se acham no mundo dos Espíritos confessaram-nos que se enganaram redondamente e que sofrem as conseqüências de seu erro.

Para o homem, tal ponto de vista tem outra imensa e imediata conseqüência: é a de tornar-lhe mais suportáveis as tribulações da vida. Que procure o bem-estar e se esforce por tornar o seu tempo na Terra o mais agradável possível: isto é muito natural e ninguém lho proíbe. Mas, sabendo que está aqui apenas momentaneamente, que um futuro melhor o aguarda, pouco se atormenta com as decepções que experimenta e, vendo as coisas do alto, aceita os reveses com menor amargura; fica indiferente aos aborrecimentos de que é vítima, por parte dos invejosos e dos ciumentos; reduz a seu justo valor os objetos de sua ambição e se coloca acima das pequenas susceptibilidades do amor-próprio. Liberto das preocupações criadas pelo homem que não sai de sua esfera limitada, pela perspectiva grandiosa que se desdobra à sua frente, é mais livre para se entregar a um trabalho proveitoso, para si próprio e para os outros.

Para ele, as humilhações, as diatribes e as maldades de seus inimigos não passam de nuvens imperceptíveis num vasto horizonte; não se inquieta por elas mais do que pelas moscas que zumbem aos ouvidos, porque sabe que logo estará livre. Assim, todas as pequenas misérias que lhe suscitam deslizam por ele como a água sobre o mármore. Colocando-se do ponto de vista terreno, irritar-se-ia e talvez se vingasse. Do ponto de vista extraterreno, ele

as despreza como os salpicos de lama de um caminhante desatento. São espinhos lançados no caminho e pelos quais passa, sem sequer se dar ao trabalho de os afastar, a fim de não moderar a marcha para um objetivo mais sério que se propõe atingir. Longe de malquerer os seus inimigos, é-lhes grato por fornecerem oportunidade para exercitar a paciência e a moderação em benefício de seu progresso futuro, ao passo que perderia seus frutos se descesse a represálias. Ele os lamenta por se entregarem a tantos trabalhos inúteis e diz que são aqueles próprios que caminham sobre espinhos, com as preocupações que tomam para fazer o mal. Tal é o resultado da diferença do ponto de vista sob o qual se encara a vida: um nos dá aborrecimento e ansiedade; o outro, calma e serenidade. Espíritas que experimentais decepções, ainda que em pensamento, deixai a Terra por alguns instantes; subi às regiões do infinito e olhai-as do alto: vereis o que elas serão.

Por vezes dizem: Vós, que sois infelizes, olhai para baixo e não para cima e vereis ainda mais infelizes. Isto é verdade. Mas muitos dizem que o mal alheio não nos cura. Nem sempre o remédio está na comparação e para alguns não é difícil olhar para cima sem dizerem: “Por que têm estes o que não tenho?” No entanto, se se colocassem no ponto de vista de que falamos, a que em pouco seremos forçados, ficariam naturalmente acima daqueles aos quais poderíamos invejar, porque, vistos dali, os maiores pareceriam muito pequenos.

Lembramo-nos de ter assistido no Odéon, há cerca de quarenta anos, a uma peça em um ato, intitulada *Os Efêmeros*, já não sabemos de que autor. Embora ainda jovem, ela nos causou viva impressão. A cena se passava no país dos Efêmeros, cujos habitantes vivem apenas vinte e quatro horas. No espaço de um ato a gente os vê passar do berço à adolescência, à juventude, à maturidade, à velhice, à decrepitude e à morte. Nesse intervalo realizam todos os atos da vida: batismo, casamento, negócios civis e governamentais, etc.; mas como o tempo é curto e as horas

contadas, é preciso pressa; tudo se faz com prodigiosa rapidez, o que não os impede de se ocuparem com intrigas e de se darem ao trabalho para satisfazer as ambições e suplantar os outros. Como se vê, a peça encerrava um pensamento profundamente filosófico; e involuntariamente o espectador, que num instante via desenrolarem-se todas as fases de uma existência bem cheia, punha-se a dizer: Como essa gente é tola! Fazer tanto mal, quando dispõe de tão pouco tempo para viver! Que é que lhes resta dessa confusão de uma vida de algumas horas? Não seria melhor viver em paz?

Eis, por alto, um quadro perfeito da vida humana. Entretanto, a peça não sobreviveu mais que seus heróis: não a compreenderam. Se o autor ainda vivesse, o que ignoramos, provavelmente hoje fosse espírita.

A. K.

Estatística de Suicídios

Lê-se no *Siècle* de... maio de 1862:

“Na *Comédia social no século dezenove*, novo livro que o Sr. B. Gastineau acaba de publicar pela Editora Dentu, encontramos esta curiosa estatística de suicídios:

“Calculou-se que desde o começo do século o número de suicídios na França não se eleva a menos de 300.000; e tal estimativa talvez esteja aquém da verdade, pois a estatística só oferece resultados completos a partir de 1836. De 1836 a 1852, isto é, num período de dezessete anos, houve 52.126 suicídios, ou seja, uma média de 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens; enfim, segundo a última estatística que vimos no correr do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber: 3.057 homens e 842 mulheres.”

“Constatando que o número de suicídios aumenta todos os anos, o Sr. Gastineau deplora em termos eloqüentes a triste monomania que parece haver-se apoderado da espécie humana.”

Eis uma rápida oração fúnebre pelos infelizes suicidas. Entretanto, a questão nos parece muito grave e merece um exame sério. Do ponto de vista em que estão as coisas, o suicídio não é mais um fato isolado e acidental; pode, com inteira razão, ser considerado como um mal social, uma verdadeira calamidade. Ora, um mal que regularmente elimina de três a quatro mil pessoas por ano num único país e segue uma progressão crescente, não é devido a uma causa fortuita; há necessariamente um radical, absolutamente como quando se vê um grande número de pessoas morrer da mesma doença, o que deve chamar a atenção da Ciência e a solicitude das autoridades. Em semelhante caso, limitam-se a verificar o gênero de morte e o modo empregado para a executar, enquanto é negligenciado o elemento essencial, o único que nos poderia pôr no caminho do remédio: o motivo determinante de cada suicídio. Chegar-se-ia, assim, a constatar a causa predominante; mas, salvo circunstâncias muito características, acham mais simples e mais cômodo arrolá-los na classe dos monômanos e dos maníacos.

Incontestavelmente há suicídios por monomania, realizados fora do domínio da razão, por exemplo, os que ocorrem na loucura, na febre ardente, na embriaguez. Nestes a causa é puramente fisiológica; mas ao lado está a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas imaginam que o suicida jamais esteja no seu bom-senso; é um erro de que partilhávamos outrora, mas que caiu ante uma observação mais atenta. Com efeito, estando em a Natureza o instinto de conservação, é muito racional pensar que a destruição voluntária seja contra a Natureza, razão pela qual muitas vezes se vê o instinto

triumfar no último instante sobre a vontade de morrer, donde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso ter perdido a cabeça. Sem dúvida muitos suicidas são nesse momento tomados por uma espécie de vertigem e sucumbem a um primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação os domina no último instante, eles como que voltam à realidade e se agarram à vida. Mas é muito evidente, também, que muitos se matam a sangue-frio e com reflexão; e a prova está nas precauções calculadas que tomam, na ordem raciocinada que põem nos negócios, o que não é uma característica de loucura.

Faremos notar, sem maior exame, um traço peculiar do suicídio: é que os atos desta natureza, realizados em lugares completamente isolados e desabitados, são excessivamente raros; o homem perdido no deserto ou no mar morrerá de privações, mas não se suicidará, mesmo não esperando nenhum socorro. Aquele que voluntariamente quer deixar a vida aproveita bem o momento em que está só para não ser tolhido em seu desígnio, mas o faz de preferência nos centros populosos, onde seu corpo ao menos terá alguma chance de ser encontrado. Um pulará do alto de um monumento no centro da cidade, e não do alto de um penhasco, onde não lhe restará traço algum; outro se enforcará no *Bois de Boulogne*³⁴, e não numa floresta, onde ninguém passa. O suicida não quer ser impedido, mas deseja que se saiba, cedo ou tarde, que se suicidou; parece-lhe que essa lembrança dos homens o liga ao mundo que quis deixar, tanto é certo que a idéia do nada absoluto tem algo de mais aterrador que a própria morte. Eis um curioso exemplo que vem apoiar esta teoria:

Por volta de 1815, um rico inglês foi visitar a famosa cachoeira do Reno; ficou de tal modo entusiasmado, que voltou à Inglaterra, pôs ordem em seus negócios e voltou, alguns meses depois, para se precipitar no turbilhão. É, incontestavelmente, um

34 N. do T.: *Grifo nosso*. Grande área verde localizada a oeste de Paris. (Parque público)

ato de originalidade, mas duvidamos muito que ele se atirasse da catarata do Niágara, caso ninguém viesse saber do fato. Uma singularidade de caráter causou o ato; mas o pensamento de que iriam falar dele determinou a escolha do local e o momento. Caso seu corpo não fosse encontrado, pelo menos sua memória não desapareceria.

Em falta de uma estatística oficial, que desse a exata proporção dos diversos motivos de suicídio, não resta dúvida de que os casos mais numerosos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os pesares de qualquer natureza. Neste caso o suicídio não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado desses motivos, que poderiam ser chamados sérios, uns há que são evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto pela vida, em meio aos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos os que se suicidam só recorrem a esse extremo, com ou sem razão, porque não estão contentes. Sem dúvida a ninguém é dado remediar esta causa primária; contudo, o que se deve deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, desde algum tempo, a esse arrastamento fatal. É isto, sobretudo, que deve chamar a atenção e que, a nosso ver, é perfeitamente remediável.

Muitas vezes pergunta-se se há covardia ou coragem no suicídio. Incontestavelmente há covardia ante as provas da vida, mas há coragem em afrontar as dores e as angústias da morte. Parece que estes dois pontos encerram todo o problema do suicídio.

Por mais pungentes que sejam as opressões da morte, o homem as afronta e as suporta, se for estimulado pelo exemplo. É a história do conscrito que, sozinho, recuava diante do fogo, ao passo que ficava eletrizado, vendo que os outros marchavam sem medo. Dá-se o mesmo com o suicida: a visão dos que se libertam por esse meio dos aborrecimentos e desgostos da vida os leva a pensar que em breve esse momento passará; aqueles que pudessem

ser retidos pelo temor do sofrimento dirão que, desde que muitos assim o fazem, também podem fazer o mesmo; que é preferível sofrer alguns instantes a padecer durante anos. É somente nesse sentido que o suicídio é contagiante. O contágio não está nos fluidos nem nas atrações, mas no exemplo, que se acostuma com a idéia da morte e com o emprego dos meios para a executar. Isto é tão verdadeiro que quando se dá um suicídio de certa maneira, não é raro se sucederem outros do mesmo gênero. A história da famosa guarita onde em pouco tempo se enforcaram quatorze militares não tinha outra causa. O meio lá estava à vista; parecia cômodo e, por pouco que esses homens tivessem a veleidade de acabar com a vida, o aproveitavam. A simples visão poderia fazer brotar a idéia. Tendo sido o fato contado a Napoleão, este ordenou que queimassem a guarita. O mal cessou, desde que o meio já não estava à vista.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; excita, encoraja, acostuma-se com a idéia e, até mesmo, a provoca. Sob esse aspecto consideramos as descrições do gênero e que abundam nos jornais como uma das causas excitantes do suicídio: elas dão *a coragem de morrer*. Acontece o mesmo com os crimes, com a ajuda dos quais se excita a curiosidade pública, produzindo um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, enquanto fizeram surgir mais de um.

Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, sejam quais forem os motivos particulares, tem sempre o descontentamento como causa. Ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão por um dia e de estar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência; só se desespera se não vê um termo para os seus sofrimentos. Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão menos que um dia? Mas para aquele que não acredita na eternidade, que julga que tudo acaba com a vida, caso se sinta oprimido pela mágoa e pelo infortúnio só vê um termo na morte; nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar os sofrimentos pelo suicídio.

A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as idéias materialistas são, numa palavra, os maiores excitantes do suicídio: levam à *covardia moral*. E quando se vêem homens de ciência apoiarem-se na autoridade de seu saber, *esforçando-se* por provar aos seus ouvintes ou leitores que nada devem esperar depois da morte, não é conduzi-los a essa conseqüência de que, se são infelizes, nada têm melhor a fazer do que se matarem? O que lhes poderiam dizer para os desviar do suicídio? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança podem dar? Nada que não seja o nada. Devemos, pois, concluir que se o nada é um remédio heróico, a única perspectiva, melhor é cair imediatamente do que mais tarde, sofrendo, assim, por menos tempo. A propagação das idéias materialistas é, pois, o veneno que inacula em muitos a idéia do suicídio, e os que se tornam seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade.

A isto talvez objetem que nem todos os suicidas são materialistas, considerando-se que há pessoas que se matam para mais depressa ganharem o céu, e outras para se reunirem mais cedo àqueles a quem amaram. É verdade, mas é, incontestavelmente, o menor número, de que nos convenceríamos se dispuséssemos de uma estatística, feita conscienciosamente, das causas íntimas de todos os suicídios. Seja como for, se as pessoas que cedem a tal pensamento crêem na vida futura, torna-se evidente que dela fazem um juízo completamente falso e a maneira pela qual a apresentam em geral não é muito apropriada para fazerem uma idéia mais justa. O Espiritismo não só vem confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes possíveis: o testemunho daqueles que nela se encontram. E faz mais, ao no-la mostrar sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo permitida a dúvida, muda o aspecto da vida; sua importância diminui em razão da certeza que se adquire de um futuro mais próspero. Para o crente, a vida se prolonga indefinidamente para

além do túmulo; daí a paciência e a resignação que naturalmente afastam a idéia do suicídio; daí, numa palavra, *a coragem moral*.

Sob esse aspecto tem ainda o Espiritismo um outro resultado muito positivo e, talvez, mais determinante. Bem diz a religião que o suicídio é um pecado mortal, pelo qual se é punido. Mas como? Pelas chamas eternas, nas quais não mais se acredita. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo explicar a sua posição infeliz, mas com uma diferença: as penas variam de acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme à justiça de Deus; que, em vez de serem uniformes, são a conseqüência muito natural da causa que provocou a falta, o que não se pode deixar de aí ver uma soberana justiça, distribuída com equidade. Entre os suicidas uns há cujo sofrimento, não obstante temporário, nem por isso é menos terrível e capaz de fazer refletir a quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O espírita tem, assim, como contrapeso ao pensamento do suicídio vários motivos: a *certeza* de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a *certeza* de que, abreviando a vida, chega a um resultado inteiramente oposto ao que esperava; que se liberta de um mal para cair noutro pior, mais longo e mais terrível; que não poderá rever no outro mundo os objetos de suas afeições, aos quais queria unir-se. Chega, assim, à conclusão de que o suicídio é contra os seus interesses. É por isso que o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável; de onde se pode inferir que, quando todo o mundo for espírita, não mais haverá suicídios voluntários, o que acontecerá mais cedo do que se imagina. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, apenas do ponto de vista do suicídio, constatamos que a lógica de um a ele conduz, enquanto a lógica do outro dele afasta, o que é confirmado pela experiência.

Mas – perguntarão – por esse meio destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios não motivados, desse

insuportável desgosto da vida, que nada parece justificar? Esta causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, se o Espiritismo só curasse estas, já seria muito; a primeira é, propriamente falando, da alçada da Ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo: Nós curamos aquilo que nos diz respeito; por que não curais o que é da vossa competência? Contudo, não hesitamos em responder à questão afirmativamente.

Evidentemente certas afecções orgânicas são alimentadas, e mesmo provocadas, pelas disposições morais. O desgosto da vida o mais das vezes é fruto da saciedade. O homem que tudo usou, não vendo nada além, está na situação do ébrio que, tendo esvaziado a garrafa e nada mais tendo, a quebra. Os abusos e os excessos de toda sorte levam forçosamente a um enfraquecimento e a uma perturbação das funções vitais; daí uma porção de doenças cuja fonte é desconhecida e que julgamos causativas, quando, na verdade, são apenas consecutivas; daí, também, uma sensação de langor e de desalento. O que faltaria ao hipocondríaco para combater suas idéias melancólicas? Um objetivo na vida, um móvel à sua atividade. Que objetivo pode ter se em nada crê? O espírita faz mais do que acreditar no futuro: sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem à frente, que a vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz conforme o emprego que faça da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que fizer. Ora, certo de viver depois da morte, e de viver muito mais tempo do que na Terra, é muito natural que pense em ser ali o mais feliz possível; além disso, certo de lá ser infeliz se não fizer o bem, ou mesmo se, não fazendo o mal, nada faz, compreende a necessidade de uma ocupação, o melhor preservativo contra a hipocondria. Com a certeza do futuro, tem um objetivo; com a dúvida, não o tem. É tomado pelo tédio e acaba com a vida porque nada mais espera. Que nos permitam uma comparação um pouco trivial, mas à qual não falta analogia: Um homem passou uma hora assistindo a um espetáculo. Se pensa que a peça acabou, levanta-se e sai; mas se souber que ainda vão representar coisa melhor e mais

longa do que o que viu, ficará, mesmo que no pior lugar. A espera do melhor nele vencerá a fadiga.

As mesmas causas que levam ao suicídio também provocam a loucura. O remédio de um é o remédio da outra, como o demonstramos alhures. Infelizmente, enquanto a Medicina só levar em conta o elemento material, privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, o qual representa papel tão ativo num grande número de afecções.

Além disso, o Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento; mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar. Acontece ainda que um Espírito se suicidou em precedente encarnação e, como expiação, é-lhe imposto na seguinte lutar contra a tendência do suicídio. Se sair vitorioso, progride; se sucumbir, terá de recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda que a precedente e, assim, deverá lutar até que haja triunfado, pois toda recompensa na outra vida é fruto de uma vitória, e quem diz vitória diz luta. O espírita haure, pois, na certeza que ele tem deste estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia lhe poderia dar.

A. K.

Hereditariedade Moral³⁵

Um dos nossos assinantes nos escreve de Wiesbaden:

“Senhor, eu estudo cuidadosamente o Espiritismo em todos os vossos livros e, apesar da clareza que deles emanam, dois

35 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

pontos importantes não me parecem bastante explicados aos olhos de certas pessoas, a saber: 1^o as faculdades hereditárias; 2^o os sonhos.

“De fato, como conciliar o sistema da anterioridade da alma com a existência das faculdades hereditárias? Entretanto elas existem, embora não de maneira absoluta. Diariamente elas nos chocam na vida privada; e também vemos, numa ordem mais elevada, os talentos sucedendo aos talentos, a inteligência à inteligência. O filho de Racine foi poeta; Alexandre Dumas tem como filho um autor ilustre; na arte dramática vemos a tradição de talentos numa mesma família e na arte da guerra uma raça, tal a dos duques de Brunswick, por exemplo, que forneceu uma série de heróis. A inépcia, o vício, o próprio crime também conservam sua tradição. Eugène Sue cita famílias onde várias gerações passaram sucessivamente pelo homicídio e pela guilhotina. A criação da alma por indivíduos explicaria ainda menos essas dificuldades, bem o compreendo, mas é preciso confessar que ambas as doutrinas se prestam aos golpes dos materialistas, que não vêm em todas as faculdades senão uma concentração de forças nervosas.

“Quanto aos sonhos, a doutrina espírita não concilia bem o sistema das peregrinações da alma durante o sono com a opinião vulgar que o torna simples reflexo das impressões percebidas durante a vigília. Esta última opinião poderia parecer a verdadeira explicação dos sonhos, ao passo que a peregrinação seria apenas um caso excepcional. (Seguem-se alguns exemplos em apoio).

“Que fique bem claro, senhor presidente, que aqui não pretendo fazer nenhuma objeção em meu nome pessoal; entretanto, pareceu-me útil que a *Revista Espírita* se ocupasse dessas questões, ainda que fosse para fornecer os meios de responder aos incrédulos. Quanto a mim, sou crente e apenas busco a minha instrução.”

A questão dos sonhos será examinada posteriormente, em artigo especial. Hoje só nos ocuparemos da *hereditariedade moral*, deixando que dela tratem os Espíritos e nos limitando a algumas observações preliminares.

Diga-se o que se disser a respeito, os materialistas não ficarão mais convencidos, porque, não admitindo o princípio, não lhe podem admitir as conseqüências. Antes de tudo seria necessário que se tornassem espiritualistas. Ora, não é por essa questão que se deve começar. Assim, não nos ocuparemos de suas objeções.

Tomando por ponto de partida a existência de um princípio inteligente fora da matéria, em outras palavras, a existência da alma, a questão é saber se as almas procedem das almas, ou se são independentes. Cremos já haver demonstrado, em nosso artigo sobre *Os Espíritos e a linhagem*, publicado no mês de março último, a impossibilidade da criação de alma por alma. Efetivamente, se a alma da criança fosse uma parte da do pai, deveria sempre ter as suas qualidades e imperfeições, em virtude do axioma: a parte é da mesma natureza que o todo. Ora, a experiência prova todos os dias o contrário. É verdade que citam exemplos de similitudes morais e intelectuais que parecem devidos à hereditariedade, sendo forçoso concluir que tivesse havido uma transmissão. Mas, então, porque essa transmissão nem sempre ocorre? Por que vemos, diariamente, pais essencialmente bons ter filhos instintivamente viciosos e *vice-versa*? Desde que é impossível fazer da hereditariedade moral uma regra geral, trata-se de explicar, com o sistema da recíproca independência das almas, a causa das similitudes. Isto poderia ser no máximo uma dificuldade, mas em nada comprometeria a doutrina da anterioridade da alma e a da pluralidade das existências, considerando-se que esta doutrina está provada por centenas de fatos concludentes, contra os quais é impossível levantar objeções sérias. Deixemos falar os Espíritos que houveram por bem tratar da questão. Eis as duas comunicações que a respeito obtivemos.

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de maio de 1862

– Médium: Sr. d'Ambel)

Já foi dito muitas vezes que não havia necessidade de erguer um sistema sobre simples aparências; e é dessa natureza o sistema que deduz das semelhanças familiares uma teoria contrária àquela que vos demos, da existência das almas, anteriormente à sua encarnação terrestre. É positivo que muitas vezes estas jamais tiveram relações diretas com os meios, com as famílias nas quais se reencarnam. Já vos repetimos muitas vezes que as semelhanças corporais são devidas a uma questão material e fisiológica absolutamente independentes da ação espiritual, e que as aptidões e gostos semelhantes resultam, não da procriação da alma por outra já nascida, mas porque os Espíritos semelhantes se atraem. Daí as famílias de heróis ou as raças de salteadores. Admiti, pois, em princípio, que os Espíritos bons escolhem de preferência para sua nova etapa terrestre o meio onde o terreno já esteja preparado, a família de Espíritos adiantados, onde têm certeza de encontrar os materiais necessários ao seu progresso futuro; admiti, igualmente, que os Espíritos atrasados, ainda inclinados aos vícios e aos apetites animais, fujam dos grupos elevados, das famílias moralizadas e, ao contrário, se encarnem onde esperam encontrar os meios de satisfazerem às paixões que ainda os dominam. Assim, pois, em tese, as semelhanças espirituais decorrem do fato de que os semelhantes atraem os semelhantes, ao passo que as semelhanças corpóreas são devidas à procriação. Agora é preciso acrescentar isto: muitas vezes nascem em famílias, dignas em todos os sentidos do respeito de seus concidadãos, indivíduos viciosos e maus, que aí são enviados para servirem de pedra de toque daquelas. Por vezes, ainda, eles vêm por conta própria, na esperança de saírem da situação difícil em que até então se demoravam, para se aperfeiçoarem sob a influência desses meios virtuosos e moralizados. Sucede o mesmo com Espíritos já adiantados moralmente que, a exemplo dessa jovem de Saint-Étienne, de que se falou ano passado, se reencarnam em famílias obscuras, entre

Espíritos atrasados, a fim de lhes mostrar o caminho que conduz ao progresso. Tenho certeza de que não esqueceste o anjo de asas brancas em que ela pareceu transfigurar-se aos olhos dos que a tinham amado na Terra, quando estes, por sua vez, retornaram ao mundo dos Espíritos. (*Revista Espírita* de junho de 1861 – Médiun: Sra. Gourdon).

Erasto

(Outra; mesma sessão – Médiun: Sra. Costel)

Venho explicar-vos a importante questão da hereditariedade das virtudes e dos vícios na raça humana. Essa transmissão faz que vacilem aqueles que não compreendem a imensidade do dogma revelado pelo Espiritismo. Os mundos intermediários são habitados por Espíritos que esperam a prova da reencarnação ou a ela se preparam novamente, conforme o seu grau de adiantamento. Nesses centros de formação da vida eterna, os Espíritos são agrupados e divididos em grandes tribos, uns à frente, outros a reboque do progresso, e cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas, as quais progridem e não podem retrogradar.

O Espírito que se reencarna escolhe o pai, cujo exemplo o fará avançar na senda preferida, de modo a refletir, elevando-os ou enfraquecendo-os, os talentos daquele que lhe deu a vida corporal. Em ambos os casos, a união simpática já existe anteriormente ao nascimento e a seguir é desenvolvida nas relações de família, pela imitação e pelo hábito.

Depois da hereditariedade familiar, meus amigos, quero vos revelar a origem da discordância que separa os indivíduos de uma mesma raça, repentinamente ilustrada ou desonrada por um de seus membros tornado estranho ao meio. O bruto vicioso que se encarnou num centro elevado e o Espírito luminoso que se reencarna entre seres grosseiros, obedecem à misteriosa harmonia

que aproxima as partes divididas de um todo e faz a concordância entre o infinitamente pequeno com a suprema grandeza. O Espírito culpado, apoiado nas virtudes adquiridas de seu procriador terreno, espera fortificar-se por elas e, se ainda sucumbe na prova, adquire pelo exemplo o conhecimento do bem, retornando à erraticidade menos carregado de ignorância e mais bem preparado para sustentar uma nova luta.

Os Espíritos adiantados entrevêem a glória de Jesus, tomados pelo desejo ardente de esgotar o cálice da caridade. Como ele, também, querem guiar a Humanidade para o objetivo sagrado do progresso, renascendo nas baixas camadas sociais, onde lutam, acorrentados uns aos outros, contra a ignorância e o vício, dos quais são, sucessivamente, os vencedores e os mártires.

Caso esta resposta não satisfaça a todas as vossas dúvidas, interrogai-me, meus amigos.

São Luís

Poesia Espírita

(Sociedade Espírita de Bordeaux – Médiun: Sr. Ricard)

A CRIANÇA E A VISÃO

Mãezinha, a noite já é brumosa,
E eu sinto, agora, o sono vir;
Põe-me em meu leito cor-de-rosa!...
Ou nos teus braços vou dormir.

Criança, a Deus faz oração.
E de joelhos, filha, vamos;
Pelo teu pai, de coração,
Juntas, a Deus com fé peçamos.

Lá em cima ele está, mamãe, não é?
Perto de Deus que Deus o quis;

Não quer os maus, que não têm fé,
Mas meu paizinho fez feliz!

Que Deus te entenda!... Ó cara filha,
Que Ele te escute com bondade!
Tenha teu pai, na santa trilha,
Ventura!... Paz!... Felicidade!

Peço também por ti, mãezinha;
Eu disse a Deus: “Pai poderoso,
“Levaste o pai, mas da filhinha
“A mãe não tires, Pai bondoso.”

Muito obrigada, ó Gabriela!
Que coração numa menina!
Sobre ti do Alto teu pai vela
E em tua frente ele se inclina.

Eu bem queria, mãe querida,
Já que meu pai nossa alma alcança,
Que ele voltasse da outra vida
Para abraçar sua criança.

Que tal prodígio pede a Deus
Aqui por nós, sofremos tanto!...
A alma de um morto às vezes seus
Filhinhos vem lenir o pranto.

Mãezinha, a noite é já brumosa
E eu sinto, agora, o sono vir...
Põe-me em meu leito cor-de-rosa!...
Adeus, mamãe!... Eu vou dormir.

Mas não!... Eu vejo!... É bem meu pai!
Ele está aqui... junto a meu leito!
Que se aproxima e sobressai,
Mamãe, nos olha satisfeito...

Sinto a ternura de seu beijo;
E meus cabelos sua mão!...
Fechar-me a boca tem ensejo,
E logo então retorna aos céus!

Mãezinha, a noite é já brumosa,
 Mas já não posso mais dormir..
 É que meu pai ao cor-de-rosa
 Leito meu prometeu revir!

Teu Anjo-da-Guarda

Duplo Suicídio por Amor e Dever

ESTUDO MORAL

No *Opinion nationale*, de 13 de junho, lemos o seguinte:

“Terça-feira última, dois caixões entraram juntos na Igreja da Boa-Nova. Eram acompanhados por um homem que parecia presa de uma dor profunda e por uma multidão considerável, na qual se notava recolhimento e tristeza. Eis um breve relato dos acontecimentos, em consequência dos quais se realizava aquela dupla cerimônia fúnebre.

“A Sra. Palmira, modista, residia com os pais. Era dotada de um físico encantador, ao qual se aliava um caráter muito amável. Por isso, era muito requestada com propostas de casamento. Entre os aspirantes à sua mão, havia preferido o Sr. B..., que por ela nutria uma viva paixão. Embora o amasse muito, mas premida pelo respeito filial, julgou-se no dever de ceder à vontade dos pais, de desposar o Sr. D..., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa que a do rival. O casamento foi celebrado há quatro anos.

“Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos. Conquanto não tivessem nenhum interesse comum, não deixaram de se ver. O amor recíproco do Sr. B... e de Palmira, transformada na Sra. D..., não havia diminuído e, como se esforçassem por reprimi-lo, ele aumentava, em razão da própria violência que lhe faziam. Para tentar apagá-lo, B... tomou o partido de se casar. Desposou uma jovem de excelentes qualidades e fez todo o possível para amá-la. Mas não tardou a perceber que esse meio heróico era impotente

para o curar. Todavia, durante quatro anos, nem B... nem a Sra. D... faltaram aos seus deveres. Impossível descrever o que eles sofreram, porquanto D..., que estimava verdadeiramente o seu amigo, o atraía sempre para a sua casa e, quando ele queria retirar-se, insistia para que ficasse.

“Enfim, há alguns dias, aproximados por uma circunstância fortuita, os dois amantes não puderam resistir à paixão que os arrastava um para o outro. Apenas cometida a falta, sentiram o mais doloroso remorso. A jovem senhora lançou-se aos pés do marido assim que ele voltou, e lhe disse em soluços:

“Expulsai-me! Matai-me! Agora sou indigna de vós!

“E como ele ficasse mudo de espanto e de dor, ela lhe contou suas lutas, seus sofrimentos, tudo quanto lhe tinha sido preciso de coragem para não falir mais cedo. Fê-lo compreender que, dominada por um amor ilegítimo, jamais tinha cessado de ter por ele o respeito, a estima e a afeição de que ele era digno.

“Em vez de amaldiçoá-la, o marido chorava. B... chegou em meio a esta cena e fez uma confissão semelhante. D... fez que ambos se levantassem e lhes disse:

“Sois dois corações bons e leais. Só a fatalidade vos tornou culpados. Li no fundo dos vossos pensamentos e neles vi sinceridade. Por que vos puniria por um arrastamento ao qual não resistiram todas as vossas forças morais? A punição está no pesar que sentis. Prometei-me que vos deixareis de ver e não tereis perdido nem a minha estima, nem a minha afeição.

“Esses dois desventurados amantes apressaram-se em fazer o juramento pedido. A maneira pela qual sua confissão havia sido recebida pelo Sr. D... aumentou-lhes a dor e o remorso. Tendo o acaso lhes ensejado um encontro de que não cogitavam, comunicaram-se reciprocamente o estado de alma e concordaram em que a morte seria o único remédio aos males que

experimentavam. Resolveram matar-se juntos no dia seguinte, quando o Sr. D... estaria ausente de casa grande parte do dia.

“Depois de feitos os últimos preparativos, escreveram uma longa carta, na qual, em resumo, diziam:

“Nosso amor é mais forte que todas as promessas. Poderíamos ainda, mau grado nosso, fraquejar e sucumbir. Não conservaremos uma existência culposa. Para nossa expiação faremos ver que a falta que cometemos não deve ser atribuída à nossa vontade, mas ao desvario de uma paixão cuja violência estava acima de nossas forças.”

“Esta carta comovedora terminava por um pedido de perdão e os dois amantes imploravam como graça serem enterrados no mesmo túmulo.

“Quando o Sr. D... entrou em casa deparou-se com um estranho e doloroso espetáculo. No meio do espesso vapor que emanava de um forno portátil cheio de carvão, os dois amantes, deitados e bem vestidos no leito, estavam estreitamente abraçados. Tinham cessado de viver.

“O Sr. D... respeitou a última vontade dos dois. Quis que juntos participassem das preces da Igreja e que no cemitério não fossem separados.”

O Sr. cura da Boa-Nova julgou por bem desmentir, num artigo inserido em vários jornais, a admissão dos dois corpos em sua igreja, já que as regras canônicas a isto se opunham³⁶.

Tendo sido lido esse relato como tema de estudo moral na Sociedade Espírita de Paris, dois Espíritos fizeram a seguinte apreciação:

36 N. do T.: A Igreja Católica nega aos suicidas as cerimônias e orações póstumas.

“Eis aí a obra de vossa sociedade e dos vossos costumes! Mas o progresso será feito. Mais algum tempo e fatos como este não irão repetir-se. Alguns indivíduos são como certas plantas colocadas numa estufa: falta-lhes o ar; sufocam e não podem espargir o seu perfume. Vossas leis e vossos costumes fixaram limites à expansão de certos sentimentos, o que muitas vezes leva duas almas, dotadas das mesmas faculdades, dos mesmos instintos simpáticos, a se encontrarem em duas ordens diferentes e, não podendo unir-se, aniquilam-se na tenacidade de quererem encontrar-se. Que fizestes do amor? Vós o reduzistes a uma pilha de moedas; vós o jogastes numa balança; em vez de ser rei, é escravo; de um laço sagrado vossos costumes fizeram corrente de ferro, cujos elos esmagam e matam os que não nasceram para serem acorrentados.

“Ah! se vossas sociedades marchassem pelos caminhos de Deus, vossos corações não se consumiriam em chamas passageiras e vossos legisladores não teriam sido forçados a manter vossas paixões pelas leis. Mas o tempo marcha e soará a grande hora, na qual podereis todos viver a verdadeira vida, a vida do coração. Quando as batidas do coração não mais forem comprimidas pelos frios cálculos dos interesses materiais, não mais vereis esses suicídios horríveis, que de vez em quando vêm lançar um desmentido sobre os vossos preconceitos sociais.”

Santo Agostinho (Médium: Sr. Vézzy)

“Os dois amantes que se suicidaram ainda não vos podem responder. Eu os vejo. Estão mergulhados na perturbação e assustados pelo sopro da eternidade. As conseqüências morais de sua falta os castigarão durante sucessivas migrações, nas quais suas almas separadas buscar-se-ão incessantemente e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Realizada a expiação, serão para sempre reunidos no seio do eterno amor.”

Georges (Médium: Sr. Costel)

Oito dias depois, tendo consultado o guia espiritual do médium sobre a possibilidade da evocação desses dois Espíritos, foi respondido: “Eu vos disse da última vez que na vossa próxima sessão poderíeis evocá-los; virão ao apelo de meu médium, mas não se verão; uma noite profunda os oculta um do outro por muito tempo.”

Santo Agostino (Médium: Sr. Vézzy)

1. Evocação da mulher.

Resp. – Sim; comunicar-me-ei, mas com o auxílio do Espírito aqui presente, que me ajuda e se me impõe.

2. Vedes o vosso amado, com o qual vos suicidastes?

Resp. – Nada vejo; nem mesmo os Espíritos que vagueiam comigo no lugar onde estou. Que noite! Que noite! E que espesso véu sobre o meu rosto!

3. Que sensação experimentastes depois do despertar da morte?

Resp. – Estranha. Tinha frio e queimava; o gelo corria-me nas veias e o fogo estava em meu rosto! Coisa estranha! Mistura inaudita! Gelo e fogo parecendo comprimir-me! Pensei que ia sucumbir segunda vez.

4. Experimentais dor física?

Resp. – Todo o meu sofrimento está *aqui e ali*.

5. Que quereis dizer por *aqui e ali*?

Resp. – *Aqui*, em meu cérebro; *ali*, no meu coração.

Observação – Se pudéssemos ver o Espírito, provavelmente o veríamos levar a mão à frente e ao coração.

6. Credes que ficareis sempre nesta situação?

Resp. – Oh! sempre, sempre! Por vezes escuto risos infernais, vozes assustadoras que me gritam estas palavras: Sempre assim!

7. Pois bem! Nós vos podemos dizer, com toda a certeza, que não será sempre assim. Arrependendo-vos, obtereis o perdão.

Resp. – Que dissestes? Não compreendo.

8. Repito que os vossos sofrimentos terão um termo, que podeis apressar pelo vosso arrependimento e nós vos ajudaremos pela prece.

Resp. – Só entendi uma palavra e sons vagos. Essa palavra é *graça!* Foi da *graça* que quisestes falar? Oh! o adultério e o suicídio são dois crimes muito odiosos! Falastes de *graça*: sem dúvida à alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e espera.

Observação – Uma dama da sociedade disse que acabara de dirigir uma prece a Deus por essa infeliz e que, sem dúvida, foi o que a tocou; que, de fato, havia implorado para ela mentalmente a *graça* de Deus.

9. Dissestes que estais nas trevas. Não nos vedes?

Resp. – É-me permitido escutar algumas palavras que pronunciais, embora não veja senão um crepe negro sobre o qual se desenha, em certas horas, uma cabeça que chora.

10. Se não vedes o vosso amado, não sentis a sua presença perto de vós, já que ele está aqui?

Resp. – Ah! não me faleis dele; por ora devo esquecê-lo, se quiser que do crepe se apague a imagem que aí vejo esboçada.

11. Que imagem é esta?

Resp. – A de um homem que sofre, cuja existência moral na Terra eu matei por muito tempo.

Observação – Como demonstra a observação dos fatos, freqüentemente a escuridão acompanha o castigo dos Espíritos criminosos. Segue-se imediatamente à morte e sua duração, muito

variável conforme as circunstâncias, pode ir de alguns meses a alguns séculos. Compreende-se facilmente o horror de semelhante situação, na qual o culpado não divisa senão o que lhe pode lembrar a falta e aumentar, pelo silêncio, a solidão e a incerteza em que está mergulhado, as ansiedades e o remorso.

Lendo-se esta narrativa ficamos, em princípio, predispostos a encontrar circunstâncias atenuantes para o suicídio, a encará-lo até como um ato heróico, visto ter sido provocado pelo sentimento do dever. No entanto, vemos que foi julgado diversamente, e que a pena dos culpados será longa e terrível, porque se refugiaram voluntariamente na morte, a fim de fugir à luta. A intenção de não faltar ao dever era nobre, sem dúvida, e lhes será levada em conta mais tarde; mas o verdadeiro mérito teria consistido em vencer o arrastamento, ao passo que eles fizeram como o desertor, que se esquiva no momento do perigo.

Como se vê, a pena dos dois culpados consistirá em se buscarem por muito tempo sem se encontrarem, seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrestres; está momentaneamente agravada pela idéia de que o seu estado atual deve durar sempre. Fazendo parte do castigo um tal pensamento, não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes dirigimos. Aos que achassem essa pena muito terrível e muito longa, sobretudo se não deve cessar senão depois de várias encarnações, diríamos que sua duração não é absoluta, e que dependerá da maneira pela qual suportarão as provas futuras, no que poderemos ajudá-los por meio de preces. Como todos os Espíritos culpados, serão os árbitros de seu próprio destino. Isto não é melhor que a danação eterna, sem esperança, a que são irremediavelmente condenados, segundo a doutrina da Igreja, que os considera de tal modo jurados ao inferno que lhes recusou as últimas preces, sem dúvida por não terem utilidade?

Certos católicos censuram o Espiritismo porque este não admite o inferno. Realmente ele não admite a existência de um

inferno localizado, com as suas chamas, os seus tridentes e as torturas corporais tomadas do Tártaro dos pagãos; mas a posição em que nos mostra os Espíritos infelizes não é muito melhor. Há, porém, uma diferença radical: a natureza das penas nada tem de irracional e a sua duração, em vez de ser irremissível, está subordinada ao arrependimento, à expiação e à reparação, o que é, ao mesmo tempo, mais lógico e mais conforme à doutrina da justiça e da bondade de Deus.

No caso em questão, teria sido o Espiritismo um remédio eficaz para evitar o suicídio? Sem dúvida. Ele teria dado a esses dois seres uma confiança no futuro que haveria mudado completamente sua maneira de encarar a vida terrestre e, por conseguinte, lhes teria dado a força moral que lhes faltou. Supondo que tivessem tido fé no futuro, o que ignoramos, e que o seu objetivo, ao se matarem, fosse o de se reunirem mais depressa, teriam sabido, por inúmeros exemplos análogos, que chegariam a resultados diametralmente opostos e se achariam separados por muito mais tempo do que se estivessem na Terra, pois Deus não permitiria recompensa à infração de suas leis. Assim, certos de não poderem realizar seus desejos, mas, ao contrário, de se acharem numa posição cem vezes pior, seu próprio interesse os levaria a ter mais paciência.

Nós os recomendamos às preces de todos os espíritas, a fim de lhes dar a força e a resignação que haverão de sustentá-los em suas novas provas e ainda apressar o termo de seu castigo.

Ensinos e Dissertações Espíritas

UNIÃO SIMPÁTICA DAS ALMAS

(Bordeaux, 15 de fevereiro de 1862 – Médiun: Sra. H...)

P. – Já me dissestes várias vezes que nos reuniríamos para não mais nos separarmos. Como poderá dar-se isto? As

reencarnações, mesmo as que se seguem às da Terra, nem sempre separam por um tempo mais ou menos longo?

Resp. – Eu to disse: Deus permite aos que se amam sinceramente e souberam sofrer com resignação para expiar suas faltas, reunir-se, a princípio no mundo dos Espíritos, onde progridem juntos, a fim de conseguirem encarnações nos mundos superiores. Podem, pois, se o pedirem com fervor, deixar os mundos espíritas na mesma época, reencarnar nos mesmos lugares e, por um encadeamento de circunstâncias previstas, reunir-se pelos laços que mais convierem aos seus corações.

Uns terão pedido para serem pai ou mãe de um Espírito que lhes era simpático e se sentirão felizes por o dirigirem no bom caminho, cercando-o dos ternos cuidados da família e da amizade. Outros terão pedido a graça de se unirem pelo matrimônio e verem escoar-se muitos anos de felicidade e de amor. Refiro-me ao casamento entendido no sentido da união íntima de dois seres que não querem separar-se mais. Entretanto, tal como é compreendido na Terra, o casamento não é conhecido nos mundos superiores. Nesses lugares de felicidade, de liberdade e de alegria, os laços são de flores e de amor; e não creias que, por isso, sejam menos duráveis. Só o coração fala e guia nessas uniões tão doces. Uniões livres e felizes, casamento de almas perante Deus, eis a lei do amor dos mundos superiores! E os seres privilegiados dessas regiões abençoadas, sentindo-se mais fortemente ligados por semelhantes sentimentos do que o são os homens da Terra, que muitas vezes desprezam os mais sagrados compromissos, não oferecem o deplorável espetáculo de uniões perturbadas incessantemente pela influência dos vícios, das paixões inferiores, da inconstância, da inveja, da injustiça, da aversão, de todas essas horríveis inclinações que conduzem ao mal, ao perjúrio e à violação dos mais solenes juramentos. Pois bem! esses casamentos abençoados por Deus, essas uniões tão afetuosas são a recompensa daqueles que, tendo-se amado profundamente no sofrimento, pedem ao Senhor, justo e bom, para continuarem a se amar em

mundos superiores, sem, contudo, temerem uma próxima e dolorosa separação.

Que haverá nisso que não seja fácil de compreender e admitir? Deus, que ama a todos os seus filhos, não teria podido criar, para aqueles que se tivessem tornado dignos, uma felicidade tão perfeita quanto cruéis tinham sido as provas? Que poderia conceder de mais conforme ao sincero desejo de todo coração amoroso? De todas as recompensas prometidas aos homens, haverá algo semelhante a esse pensamento, a essa esperança, eu poderia dizer, a essa certeza: unir-se aos seres adorados para a eternidade?

Crê-me, filha querida, nossas secretas aspirações, essa necessidade misteriosa, mas irresistível de amar, de amar longamente, de amar sempre, não foi colocada por Deus nos nossos corações senão porque a promessa do futuro nos permitia essas doces esperanças. Deus não nos fará experimentar as dores da decepção. Nossos corações querem a felicidade e só palpitam pelas afeições puras. A recompensa só poderia ser a perfeita realização de nossos sonhos de amor. Do mesmo modo que, pobres Espíritos sofredores destinados à provação, foi-nos preciso pedir e, por vezes, até mesmo escolher as mais cruéis expiações, também escolhemos, como Espíritos felizes e regenerados, na nova vida destinada a nos depurar ainda mais, a soma de felicidades concedidas ao Espírito adiantado. Tens aí, filha bem-amada, uma exposição sumária das felicidades futuras. Muitas vezes teremos ocasião de voltar a esse agradável assunto. Deves compreender quanto a perspectiva desse futuro me torna feliz e quanto me é doce confiar-te as minhas esperanças!

P. – Nós nos reconhecemos nessas novas e felizes existências?

Resp. – Se não nos reconheçêssemos seria completa a felicidade? Sem dúvida seria felicidade, pois nesses mundos privilegiados todos os seres são destinados a ser felizes. Mas seria

isto a perfeição da felicidade para os que, separados bruscamente na mais bela época da vida, pedem a Deus para se unirem em seu seio? Seria a realização de nossos sonhos e de nossas esperanças? Não; tu pensas como eu. Se um véu fosse lançado sobre o passado, não haveria a suprema felicidade, a inefável alegria de nos revermos depois das tristezas da ausência e da separação; não haveria, ou pelo menos ignoraríamos, essa antiguidade de afeição que mais ainda aperta os laços. Assim como em vossa Terra dois amigos de infância gostam de encontrar-se no mundo, na sociedade, e se buscam muito mais do que se suas relações apenas datassem de alguns dias, também os Espíritos que mereceram o inapreciável favor de se unirem nos mundos superiores são duplamente felizes e reconhecidos a Deus por esse novo encontro, que corresponde às suas mais caras aspirações.

Os mundos colocados acima da Terra na escala da perfeição são cumulados de todos os favores que possam contribuir para a perfeita felicidade dos seres que os habitam; o passado não lhes é oculto, porque a lembrança de seus antigos sofrimentos, de seus erros, resgatados à custa de muitos males, e a lembrança, ainda mais viva, de suas afeições sinceras, lhes faz achar mil vezes mais doce essa nova vida e os protegem contra faltas a que, talvez, pudessem ser arrastados por uns resquícios de fraqueza. Para os homens esses mundos são o paraíso terrestre, destinado a conduzi-los ao paraíso divino.

Observação – Enganar-nos-íamos redondamente quanto ao sentido desta comunicação se nela víssemos uma crítica às leis que regem o casamento e a sanção das uniões efêmeras extra-oficiais. No que respeita às leis, as únicas imutáveis são as leis divinas, ao passo que as leis humanas, devendo ser apropriadas aos costumes, aos usos, aos climas e ao grau de civilização, são essencialmente mutáveis; seria deplorável que assim não fosse, e que os povos do século dezenove estivessem presos às mesmas regras que regiam os nossos pais. Assim, se as leis mudaram deles

até nós, como não chegamos à perfeição, deverão mudar de nós aos nossos descendentes. No momento em que é feita, toda lei tem a sua razão de ser e a sua utilidade; mas pode acontecer que, sendo boa hoje, não mais o seja amanhã. No estado dos nossos costumes, de nossas exigências sociais, o casamento necessita ser regulado pela lei, e a prova de que esta lei não é absoluta é que não é a mesma para todos os países civilizados. É, pois, permitido pensar que nos mundos superiores, onde não há os mesmos interesses materiais a salvaguardar, onde não existe o mal, isto é, onde os Espíritos maus são excluídos da encarnação, onde, conseqüentemente, as uniões resultam da simpatia e não do cálculo, as condições devam ser diferentes. Mas aquilo que é bom para eles poderia ser muito mau para nós.

Além disso, é preciso levar em conta que os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram. Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação, pois esta se dá pelo corpo e não pelo Espírito. Uma afeição pura é, pois, o único objetivo da união e, por isto, ao contrário do que ocorre na Terra, não necessita da sanção oficial.

UMA TELHA

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. C.)

Passando pela rua e lhe caindo aos pés uma telha, diz um homem: “Que sorte! Um passo a mais e eu estaria morto.” Em geral é o único agradecimento que dirige a Deus. Entretanto esse mesmo homem, pouco tempo depois, adoece e morre na cama. Por que, então, foi preservado da telha, para, como todo o mundo, morrer alguns dias depois? Foi o acaso – dirá o incrédulo – como ele próprio disse: Que sorte! De que lhe adiantou escapar da morte no primeiro acidente, se sucumbiu ao segundo? Em todo o caso, se a sorte o favoreceu, o favor não durou muito.

A essa pergunta o espírita responde: A cada instante escapais de acidentes que, como se costuma dizer, vos deixam a um passo da morte. Não vedes nisso um aviso do céu para vos provar que vossa vida está por um fio, que jamais tendes certeza de viver amanhã e que, assim, deveis sempre estar preparados para partir? Mas, que fazeis, quando deveis empreender uma longa viagem? Fazei os vossos preparativos, arranjai os negócios, muni-vos de provisões e de coisas necessárias para o caminho; desembaraçai-vos de tudo quanto pudesse dificultar e retardar a marcha. Se conheceis o país para onde vos dirigis, se lá tendes amigos e conhecidos, partis sem receio, certos de serdes bem recebidos. Caso contrário, estudaís o mapa da região e arranjai cartas de recomendação. Suponde que sejais obrigados a empreender essa viagem de um momento para outro, que não tendes tempo de fazer preparativos, ao passo que se estivésseis prevenidos com bastante antecedência, teríeis disposto todas as coisas para vosso conforto e vosso lazer.

Pois bem! todos os dias estais expostos a empreender a maior, a mais importante das viagens, aquela que deveis fazer inevitavelmente; e, no entanto, não pensais nisto mais do que se tivésseis de viver para sempre na Terra! Em sua bondade, Deus cuida de vós, advertindo-vos por numerosos acidentes, aos quais escapais, e não tendes para Ele senão esta expressão: Que sorte!

Espíritas! Sabeis que preparativos deveis fazer para essa grande viagem, que tem para vós conseqüências muito mais importantes do que todas as que empreendeis na Terra? Porque da maneira por que ela se realizar depende a vossa felicidade futura. O mapa que vos dará a conhecer o país onde ides entrar é a iniciação nos mistérios da vida futura. Por ela o país não será novidade para vós. Vossas provisões são as boas ações que tiverdes realizado e que vos servirão de passaporte e de cartas de recomendação. Quanto aos amigos que lá encontrareis, vós os conheceis. É dos maus sentimentos que vos deveis desembaraçar, pois infeliz é aquele a

quem a morte surpreende com ódio no coração, como se fora alguém que caísse na água com uma pedra atada ao pescoço, sendo arrastado para as profundezas. Os negócios que deveis pôr em ordem são o perdão aos que vos ofenderam; os erros cometidos para com o próximo, que deveis ter pressa em reparar, a fim de conquistardes o perdão, porquanto os erros são dívidas, de que o perdão é a quitação. Apressai-vos, pois, que a hora da partida pode soar de um momento para outro e não vos dar tempo para a reflexão.

Em verdade vos digo: a telha que cai aos vossos pés é o sinal que vos adverte para estardes sempre prontos a partir ao primeiro chamamento, a fim de não serdes tomados de surpresa.

O Espírito de Verdade

CÉSAR, CLÓVIS E CARLOS MAGNO

(Sociedade Espírita de Paris, 24 de janeiro de 1862;

assunto proposto. – Médiun: Sr. A. Didier)

Esta não é apenas uma questão material, mas, também, muito espiritualista. Antes de abordar o ponto principal, um há, do qual falaremos em primeiro lugar. O que é a guerra? Para começar, respondemos que a guerra é permitida por Deus, pois que existe, existiu e existirá sempre. É erro na educação da inteligência não ver em César senão um conquistador, em Clóvis senão um bárbaro, em Carlos Magno senão um déspota, cujo sonho insensato queria fundar um imenso império. Ah! meu Deus! Como geralmente se diz, os conquistadores são os próprios joguetes de Deus. Como sua audácia, seu gênio os fez chegar ao primeiro posto, viram em torno de si não só homens armados, mas idéias, progressos, civilizações, que era necessário lançar às outras nações. Partiram, como César, para levar Roma a Lutécia; como Clóvis, para os germes de uma solidariedade monárquica; como Carlos Magno, para irradiar o facho do Cristianismo entre os povos cegos, nas nações já

corrompidas pelas heresias dos primeiros tempos da Igreja. Ora, eis o que aconteceu: César, o mais egoísta desses três grandes gênios, faz servir a tática militar, a disciplina, a lei, numa palavra, para os trazer às Gálias; na retaguarda de seus exércitos seguia a idéia imortal, e as tribos, vencidas e indomáveis, sofriam o jugo de Roma, é certo, mas se transformavam em províncias romanas. A orgulhosa Marselha teria existido sem Roma? Lugdunum³⁷ e tantas outras cidades célebres nos anais tornaram-se centros imensos, focos de luz para as ciências, as letras e as artes. César é, pois, um grande propagador, um desses homens universais, que se servem do homem para civilizar o homem, um desses homens que sacrificam homens em proveito da idéia.

O sonho de Clóvis foi estabelecer uma monarquia, bases, uma regra para o seu povo. Mas como a graça do Cristianismo não o iluminava ainda, foi propagador bárbaro. Devemos encará-lo na sua conversão: Imaginação ativa, febril, belicosa, viu na vitória sobre os visigodos uma prova da proteção de Deus; e, doravante, certo de estar sempre com Ele, deixou-se batizar. Eis que o batismo se propaga nas Gálias e o Cristianismo se expande cada vez mais. É o momento de dizer, com Corneille: Roma não era mais Roma. Os bárbaros invadiram o mundo romano.

Depois da pilhagem de todas as civilizações esboçadas pelos romanos, eis que um homem sonha espalhar pelo mundo, não mais os mistérios e o prestígio do Capitólio, mas as crenças formidáveis de Aix-la-Chapelle; eis um homem que está, ou se julga com Deus. Um culto odioso, rival do Cristianismo, ainda ocupa os bárbaros; Carlos Magno precipita-se sobre esses povos e Witikind, depois de lutas e de vitórias equilibradas, enfim se submete, recebendo o batismo humildemente.

37 N. do T.: Assim se chamava Lyon, terra natal de Allan Kardec, fundada pelos romanos em 43 a.C.

Eis aí, por certo, um quadro imenso, onde se desenrolam tantos fatos, tantos golpes da Providência, tantas quedas e tantas vitórias. Mas qual a conclusão? A idéia, universalizando-se, propagando-se cada vez mais, não se detendo nem nos desmembramentos das famílias, nem no desânimo dos povos, e tendo como objetivo, por toda parte, a implantação da cruz do Cristo em todos os pontos da Terra, não constitui um imenso fato espiritualista? É preciso, pois, considerar esses três homens como grandes propagadores que, por ambição ou por crença, avançaram a luz no Ocidente, enquanto o Oriente sucumbia na preguiça embriagadora e na inatividade. Ora, a Terra não é um mundo onde o progresso se faça rapidamente e por meio da persuasão e da mansuetude.

Não vos admireis, pois, que muitas vezes seja preciso tomar da espada, em vez da cruz.

Lamennais

P. – Dissestes que a guerra existirá sempre. Todavia, parece que o progresso moral, destruindo as suas causas, a fará cessar.

Resp. – Ela existirá sempre, considerando-se que sempre haverá lutas; mas as lutas mudarão de forma. É verdade que o Espiritismo deve espalhar no mundo a paz e a fraternidade. Contudo, bem o sabeis, mesmo com o triunfo do bem sempre haverá luta. Evidentemente o Espiritismo fará compreender cada vez melhor a necessidade da paz; mas o mal vela sempre. Ainda será preciso lutar muito tempo na Terra pelo bem. Apenas as lutas se tornarão cada vez mais raras.

(MESMO ASSUNTO – MÉDIUM: SR. LEYMAR)

A influência dos homens de gênio sobre o futuro dos povos é incontestável. Nas mãos da Providência eles são

instrumentos para acelerar as grandes reformas que, sem eles, só viriam depois de muito tempo. São eles que semeiam os germes das idéias novas. E, o mais das vezes, voltam alguns séculos mais tarde, sob outros nomes, para continuar ou completar a obra que começaram.

César, essa grande figura da Antiguidade, nos representa o gênio da guerra, a lei organizada. As paixões por ele levadas ao extremo abalaram profundamente a sociedade romana. Esta muda de face e na sua evolução tudo se transforma em seu redor. Os povos sentem mudar a sua antiga constituição; uma lei implacável, a da força, une o que não se devia separar, conforme a época em que vivia César. Sob sua mão triunfante as Gálias se transformam e, depois de dez anos de combates, constituem uma unidade poderosa. Mas dessa época data a decadência romana. Levada ao excesso, essa potência que fazia tremer o mundo cometia as faltas do poder extremo. Tudo quanto cresce além das proporções fixadas por Deus deve cair do mesmo modo. Esse grande império foi invadido por uma nuvem de povos saídos de regiões então desconhecidas. A fama tinha levado, com as armas de César, as idéias novas aos países do Norte, que se precipitaram sobre ele como uma torrente. Vede essas tribos bárbaras, lançando-se rapaces sobre as províncias, onde o sol era melhor, o vinho tão doce, as mulheres tão belas. Atravessaram as Gálias, os Alpes, os Pirineus, para ir fundar suas colônias em toda parte e desagregar esse grande corpo chamado Império Romano. Só o gênio de César tinha bastado para levar sua nação à culminância do poder. Dele data a época da renovação, em que todos os povos se confundem, avançam uns sobre os outros, buscando outras coesões, outros elementos. E, no entanto, durante vários séculos, quanto ódio entre essas criaturas! quantos combates! quantos crimes! quanto sangue!

Barbaret

Com sua mão bárbara, Clóvis devia ser o ponto de partida de uma nova era para os povos. Obedecia ao costume e,

para formar uma nação, não recuava diante de nenhum obstáculo. Ele a formava com o punhal e a astúcia. Criava um novo elemento adotando o batismo, iniciando seus rudes soldados numa nova crença. Entretanto, tudo foi à deriva depois dele, apesar da idéia, apesar do Cristianismo. Eram precisos Carlos Martel, Pepino e depois Carlos Magno.

Saudemos essa figura poderosa, essa natureza enérgica, qual novo César a reunir num feixe todos os povos dispersos, mudar as idéias e dar uma forma a esse caos. Carlos Magno é a grandeza na guerra, na fé, na política, na moralidade nascente, que devia fundir os povos e lhes dar a intuição da conservação, da unidade, da solidariedade. Dele remontam os grandes princípios que formaram a França, nossas leis e nossas ciências aplicadas. Transformador, ele era marcado pela Providência para ser o traço de união entre César e o futuro. Também o chamam o Grande porque, se empregou terríveis meios de execução, foi para dar uma forma e um pensamento único a essa reunião de povos bárbaros, que não podiam obedecer senão a quem fosse poderoso e forte.

Barbarett

Nota – Como esse nome era desconhecido, pediu-se ao Espírito que desse alguns esclarecimentos sobre a sua pessoa:

Eu vivia ao tempo de Henrique IV. Era muito humilde. Perdido nesta Paris onde tão bem se esquece aquele que se esconde e só busca o estudo, gostava de estar só, ler e comentar à minha maneira. Pobre, trabalhava, e o labor diário me dava essa alegria inefável que se chama liberdade. Copiava livros e fazia essas maravilhosas vinhetas, prodígios de paciência e de saber, que só davam pão e água à minha paciência. Mas eu estudava, amava meu país e buscava a verdade na Ciência. Ocupava-me de História e para a minha França bem-amada eu desejava a liberdade, a realização de todas as aspirações que sonhava na minha humildade. A partir de então estou num mundo melhor e Deus me recompensou a

abnegação, dando-me essa tranqüilidade de Espírito, em que todas as obsessões do corpo estão ausentes, e sonho pela minha pátria, pelo mundo inteiro, pela nossa Terra, pelo amor e pela liberdade.

Venho muitas vezes para vos ver e ouvir. Gosto dos vossos trabalhos e deles participo com todo o meu ser. Desejo-vos perfeitos e satisfeitos no futuro. Que sejais felizes, como eu o desejo. Mas não o sereis completamente se não vos despojardes da roupa velha que há muito veste o mundo inteiro: refiro-me ao egoísmo. Estudai o passado, a história do vosso país e aprendereis mais com o sofrimento dos vossos irmãos que com qualquer outra ciência.

Viver é saber, é amar, é auxiliar-se mutuamente. Ide, pois, e fazei segundo o vosso Espírito. Deus está presente e vos vê e julga.

Barbarett

Aviso

Foi-nos enviado um manuscrito bastante volumoso, intitulado: *O Amor, revelações do Espírito de 3ª ordem da série angélica ao irmão P. Montani*. Como a remessa não se fez acompanhar de uma carta, ignoramos o nome da pessoa que a enviou. Se este número lhe cair nas mãos, pedimos que se dê a conhecer, a fim de podermos agradecer. Por ora diremos que o trabalho contém coisas excelentes e é baseado na mais sã moral e sobre os princípios fundamentais do Espiritismo. Mas, ao lado disso, há teorias perigosas sobre vários pontos e que podem suscitar uma crítica séria. De nossa parte não poderíamos aceitar tudo quanto ele contém e achamos inconveniente publicá-lo sem modificações.

Allan Kardec

